

Telenovela e recepção: os públicos de *Mulheres apaixonadas* e sua visão sobre o amor

Paula Guimarães Simões¹

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a constituição de públicos em relação às telenovelas e a visão sobre o amor que emerge dessa interação. Discute-se a noção de públicos e as concepções de amor, a fim de analisar como os telespectadores, em um fórum de discussão na internet, constroem sentidos sobre esse valor em relação a *Mulheres apaixonadas*. A análise revela a importância do amor na vida dos sujeitos, a perpetuação de traços do *amor romântico* e a valorização de elementos do *amor confluyente* na construção da experiência amorosa hodierna.

Palavras-chave: telenovela, público, amor.

Abstrac: This paper aims at analyzing the constitution of soap operas' publics and the way they interpret love relationships. It investigates, discussing the notions of publics and love, how spectators attribute meanings to this value. It then conducts an empirical analysis about a discussion forum in the internet about a Brazilian soap opera named *Mulheres apaixonadas*. The study reveals the importance of love in people's lives, the perpetuation of *romantic love's* features and the valorization of *confluent love* in the construction of contemporary love experience.

Keywords: soap opera, public, love.

A telenovela, como qualquer outro discurso, já traz a expectativa da recepção. O processo de apreensão dessas narrativas ficcionais é também configurador de sentidos, que não são, necessariamente, equivalentes aos pretendidos pelos realizadores. É fundamental atentar para essa dimensão do processo comunicativo instaurado pela telenovela, a fim de compreender a inserção dela na própria vida social.

O objetivo deste artigo é analisar o modo como telespectadores de uma telenovela se posicionam em relação ao amor, a fim de perceber quais as concepções sobre esse valor, bem como os elementos acionados em sua realização, que emergem com a visão do público. Para tanto, o texto é iniciado com uma reflexão sobre a noção de *públicos*, a fim de compreender como eles se constituem frente à telenovela. Em seguida, procede-se à análise de manifestações dos públicos sobre a narrativa de *Mulheres apaixonadas* (Manoel Carlos, Rede Globo 2003, 21h) e as intrigas amorosas nela constituídas. Esses posicionamentos dos indivíduos exibem uma visão sobre o amor e sobre a forma como gostariam de construir suas experiências cotidianas, o que revela traços da vivência do amor na sociedade contemporânea.

A constituição de públicos e os modelos de amor

O consumo de uma telenovela é realizado a partir dos *públicos* que se configuram em relação a essa narrativa ficcional. Eles são entendidos não como entidades existentes *a priori*, mas como constituídos a partir das relações que se estabelecem entre os sujeitos e o discurso telenovelístico. Como sustenta Dewey (1954), públicos emergem contextualmente a partir do modo como as pessoas são afetadas por certas transações sociais e respondem a essa *afetação*. É entre o sofrer e o agir, entre a passibilidade e a agência, que públicos se configuram.

Seguindo a trilha do pragmatista norte-americano, Louis Quéré (2003) destaca que os públicos se configuram efemeramente a partir da vivência de uma situação. De acordo com Quéré, é preciso refletir sobre os públicos a partir

de três características centrais: a) sua dimensão de *forma*; b) sua *realidade intencional*; e c) seu *caráter adverbial*.

Ao destacar que o público deve ser pensado como *forma*, o sociólogo evidencia que “um público não se reduz jamais à ordem dos fatos positivos”² (QUÉRÉ, 2003, p. 120). Ou seja, ele não existe previamente, como realidade existente, mas se configura a partir da afetação que sujeitos apresentam frente a uma situação, a uma obra ou a um acontecimento. Entretanto, isso não significa que se deve “atribuir uma dimensão inaugural a cada situação vivida, mas compreendê-la como atualização; viver uma experiência é reagir àquilo que vem à luz, a partir dos atributos da situação vivida e com os instrumentos de experiências passadas” (FRANÇA, 2006, p. 82).

Definindo o público também como uma *realidade intencional*, Quéré procura ressaltar que ele não pode ser visto como fruto de intenções individuais: o público é formado por uma intenção ligada a um “contexto institucional que faz sentido”. Existe, conforme o autor, uma relação oblíqua que caracteriza a constituição do público em relação a um fenômeno; ela é atravessada por normas e princípios que orientam as ações e as posturas dos sujeitos. Com isso, Quéré evidencia o lugar do social e do quadro de experiências compartilhados na edificação dos públicos.

Por fim, Quéré destaca o *caráter adverbial do público*: não é o sujeito que é coletivo, mas sim a ação; o sujeito é um dos complementos do verbo (2003, p. 126). É a ação que convoca as pessoas a ocupar papéis sociais em um contexto institucional. “Se é a ação que é coletiva, e não o sujeito, pode-se inferir que o que define o público é um modo de associação na experiência de uma situação; uma maneira determinada de agir e de aguentar junto”³ (2003, p. 128).

A partir dessa discussão, pode-se afirmar que o público de uma telenovela se constitui a partir das relações que se estabelecem entre esse bem simbólico e os telespectadores. Estes últimos são afetados pelo discurso telenovelístico e se posicionam frente a ele a partir do contexto em que se inscrevem e

do universo de valores compartilhados na vida social. É na experiência que constroem em sua interação com a telenovela que os públicos se constituem, e são afetados nessa transação. Um dos elementos “tematizados” nessa interlocução é o amor, valor central na constituição das telenovelas e da experiência concreta dos indivíduos.

O amor não é visto nem vivenciado da mesma maneira por todos os sujeitos, o que sugere, assim, perspectivas distintas acerca desse valor. O *amor romântico* pressupõe, conforme Giddens (1993), uma idealização do ser amado e exhibe o desejo dos parceiros de que o vínculo amoroso estabelecido seja único e eterno. Nesse modelo, o amor é visto como algo sublime, em que a fidelidade é um elemento central. O *amor confluyente*, por sua vez, é caracterizado por Giddens como a concepção de amor emergente na modernidade tardia. Conforme o autor,

o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da ideia do amor romântico. (...) Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial” (GIDDENS, 1993, p. 72).

Com esse modelo de amor, a unicidade e a idealização do amor cedem espaço à liberdade de fazer escolhas e vivenciar muitos relacionamentos. O término de uma relação não significa o fim da experiência amorosa de um sujeito. Tais modelos de amor — romântico e confluyente —, “tematizados” e vivenciados na experiência concreta, são incorporados também pelas narrativas das telenovelas e convidam a sociedade a se posicionar em relação a eles. Ao serem interpelados pelas telenovelas, os públicos manifestam uma visão sobre o amor, evidenciando a forma como gostariam de vivenciá-lo em suas experiências cotidianas.

É a partir dessa visão sobre a interação entre telenovela e seus públicos em relação ao amor que procuramos refletir sobre o modo como os telespectadores consumiram uma telenovela específica (*Mulheres apaixonadas*).

Lendo o amor nas telenovelas: o posicionamento dos telespectadores

Breve sinopse e metodologia

Mulheres apaixonadas apresenta uma história central — a trajetória de Helena — e muitas tramas paralelas, que recebem grande atenção do autor. A novela conta a história de Helena, que manteve um casamento com o músico Téo durante 15 anos, mas começa a questionar a continuidade dessa relação. Suas dúvidas são aprofundadas quando ela reencontra um antigo namorado (César).

Além dos amores de Helena, essa telenovela apresenta outras tramas e outros conflitos: o triângulo amoroso construído entre Raquel, Marcos e Fred (que traz a violência doméstica e a relação entre professora e aluno); a história de Heloísa e Sérgio (marcada por um ciúme doentio dela, que será acentuado pela presença da jovem Vidinha); a experiência amorosa de Lorena (divorciada, que se envolve com homens mais jovens do que ela, como Expedito); o amor entre Clara e Rafaela; entre Cláudio e Edwiges (que será ameaçado por Gracinha e cuja intriga fala da virgindade e do aborto); entre os primos Luciana e Diogo; e entre o padre Pedro e a *socialite* Estela. Essas e outras tramas configuram a narrativa de *Mulheres apaixonadas*, que suscitou diferentes posicionamentos dos públicos.

A fim de buscar esses públicos da telenovela em questão, optamos por trabalhar com manifestações expressas em um fórum de discussão na internet⁴. Reconhecemos que esse recorte tem alcance limitado, na medida em que consegue abarcar apenas aqueles que têm acesso à internet e que se mobilizaram para manifestar suas opiniões. Apesar desses limites, acreditamos — e os resultados confirmaram — que esse espaço poderia propiciar um material rico de análise. Foram selecionadas cinco enquetes referentes aos casais de *Mulheres apaixonadas*, bem como manifestações expressas após o último capítulo dessa novela, a fim de perceber como o amor é “tematizado” pelo público e os elementos acionados em sua realização — o que será discutido a seguir.

A 'tematização' do amor: a força e os fundamentos desse valor

O amor é amplamente valorizado na fala do público. Ele emerge como um sentimento forte, capaz de superar conflitos e dificuldades até a sua concretização. Segundo uma telespectadora, o amor precisa superar as investidas de uma mulher que se coloca como ameaça ao relacionamento amoroso e não deve ceder ao "golpe da barriga"⁵, estratégia da mulher que usa a gravidez para manter uma relação: "o amor deve vencer tudo". Para essa telespectadora, a novela deve dar exemplo dessa força que o amor possui para enfrentar obstáculos.

Um dos relacionamentos citados em que a força do amor foi capaz de vencer todas as dificuldades é o de Edwiges e Cláudio. Os dois formam um dos casais mais queridos da novela. Eles são jovens e bonitos, e a representação construída exhibe a descoberta do amor e do sexo: Edwiges preservou sua virgindade até se casar com ele no último capítulo. Eles são vistos como "um casal perfeito. Pena que entre eles tem uma Gracinha sem graça nenhuma. Adoro a história (...)". O sentimento que une esse casal foi capaz de vencer os obstáculos: outra mulher (Gracinha), que chegou a engravidar do jovem, e a mãe de Cláudio, que era contra a união devido à desigualdade social entre eles.

A força do sentimento amoroso também é acionada para legitimar relações polêmicas ou pouco convencionais. O relacionamento entre os primos Luciana e Diogo é aprovado por vários telespectadores, e o casal é classificado entre os melhores da telenovela. Não se discute o fato de eles serem da mesma família — argumento utilizado pelos pais fictícios para separá-los, mas apenas por um tempo. De qualquer forma, o amor entre primos é legitimado e visto como um sentimento forte, verdadeiro, que é impossível esquecer e é para sempre. Assim, o peso do amor neutraliza o impedimento e legitima a relação amorosa. Os telespectadores que "tematizam" a eternidade desse sentimento fazem emergir a idealização que caracteriza o *amor romântico*.

O amor aparece como um valor acima de tudo na aprovação do relacionamento entre um padre e uma *socialite*. Nas manifestações do

corpus, não aparece a discussão sobre o fato de ele ser padre, apenas a afinidade entre os dois, bem como a beleza do casal. Parece haver, na aprovação desse par, uma identificação com a personagem Estela, já que ela é bonita, jovem, rica e glamorosa.

A força do amor é também capaz de vencer os preconceitos. As lésbicas Clara e Rafaela tiveram que enfrentar a hostilidade de familiares e de colegas de escola para ficar juntas. Entretanto, o amor que as une superou o preconceito em relação à opção sexual delas. Mas outro preconceito, em relação a casais cujos parceiros apresentam idades bastante discrepantes, prevalece na visão de alguns telespectadores, que desaprovam o relacionamento entre Lorena e Expedito. Essas pessoas concordam, portanto, com a mãe ficcional do jovem, que era contra o romance. Contudo, a maioria dos que fizeram referência a esse casal legitima o relacionamento entre a mulher mais velha e o homem mais novo: a diferença de idade não deve ser empecilho para a constituição de uma relação.

Um dos telespectadores argumentou que o “amor não tem idade”, ao comentar o desfecho de Raquel e Fred e posicionar-se contra o preconceito em relação à diferença de idade entre os parceiros. Fred lutou tanto para ficar com a mulher que ama — enfrentou a violência de Marcos, e aceitou ser apenas amigo de Raquel, apesar de amá-la —, e merece, por tudo isso, terminar a novela feliz ao lado da professora. Na visão desse membro do público, é preciso lutar para satisfazer o desejo, realizar o amor e alcançar a felicidade eterna. A superação do preconceito também é “tematizada” por outro telespectador:

Fred e Raquel devem acabar juntos como toda bela história de amor. Matar o Fred é coroar todas as atitudes do Marcos, os preconceitos em relação ao casal. O autor só vai reforçar na cabeça daqueles que são medíocres, que só se deve amar mocinhas de família e livres. Como se o amor tivesse endereço.

O amor não tem endereço; nem sempre se ama uma pessoa livre; nem sempre se ama alguém dentro das correspondências mais aceitas socialmente

(idade, nível social, relacionamento heterossexual); não se escolhe quem amar. Os argumentos acionados nessa manifestação também exibem a valorização do amor, assim como a liberdade dos sujeitos para conduzir os relacionamentos seja com quem for, legitimando, assim, a relação entre Raquel e Fred. Em nome do amor que sentem um pelo outro, independentemente da diferença de idade entre eles e do fato de serem professora e aluno, eles merecem ficar juntos, como também argumenta uma telespectadora: “Por que um aluno não pode ficar com uma professora? Isso é o que mais tem por aí... Fred ama a Raquel e deve ficar com ela no final de *Mulheres apaixonadas*. (...) Seria bom se a Raquel ficasse grávida dele no final”. Para essa telespectadora, o vínculo amoroso entre aluno e professora parece estar naturalizado na sociedade.

Ou seja, para esses telespectadores, a força do amor entre Raquel e Fred neutraliza outros aspectos da relação amorosa. Entretanto, há alguns que não veem esse sentimento forte sustentando a relação entre eles. Para um telespectador, Raquel e Fred constituem um dos piores casais da novela: “Não apenas pela idade, mas simplesmente não combinam”.

O amor aparece, assim, na maioria das manifestações, como um sentimento forte o suficiente para enfrentar obstáculos e preconceitos e até mesmo mudar o comportamento e a postura das pessoas. Além disso, o amor é um sentimento que precisa ser demonstrado. Uma telespectadora não gosta de ver que um homem “não quer provar seu amor” pela mulher amada. Não basta simplesmente dizer que ama; é preciso provar isso ao outro através de gestos e atitudes. O amor é visto, assim, como experiência vivida, construída e renovada na prática cotidiana dos sujeitos.

Na fala de duas telespectadoras, o amor emerge como uma busca que não é fácil de realizar: para uma delas, todas as mulheres procuram o amor e, para a outra, o amor é algo muito difícil de encontrar. Esse desejo (ou necessidade) de manter um vínculo amoroso é tão grande que solidão chega a ser castigo: “Acho que o César e a Helena devem ficar sozinhos (...), os dois merecem o castigo da solidão” — é o que emerge em outra manifestação, que comenta a

história de Helena e César. Em outro discurso, ao comentar o comportamento de Vidinha, na mesma novela, uma telespectadora defende que “uma pessoa que tanto atrapalhou um casamento deveria ficar sozinha”. A solidão é, para esses telespectadores, um instrumento de punição para aquelas personagens cujo comportamento não é bem aceito pelo público.

Para uma telespectadora — que torce pelo romance entre Gracinha e Cláudio —, vale tudo nessa busca por amor: “Edwiges é muito chatinha, e perdeu a graça todo o joguinho água com açúcar dela. A Gracinha tem muito mais garra e luta pelo que quer ao invés de ficar chorando”. Segundo ela, é preciso ter força para lutar por amor e conseguir conquistar o que se deseja, seja contra quem for. Mas o respeito às pessoas comprometidas emerge na fala de outros membros do público, evidenciando que há limites nessa luta.

Em muitas manifestações, o amor aparece como fundamento da relação: os casais que não se amam de verdade devem se separar. O elo amoroso não pode ser mantido por outros fatores, como uma gravidez indesejada. Além disso, deve haver reciprocidade no amor; não basta que apenas uma das partes ame a outra. Esse sentimento mútuo que garante a sustentação da relação deve ser sincero, e algumas representações construídas nas telenovelas devem ajudar a “mostrar que ainda existe amor verdadeiro”. Para um dos manifestantes no fórum, o vínculo entre Helena e César é sustentado por um amor de verdade. Em outra fala, também emerge a aprovação dessa história, ao eleger esse casal como o mais lindo da novela. Para outro telespectador, a protagonista está certa em viver esse grande amor, e seu final feliz ao lado de César deve ser coroado com uma gravidez no fim da narrativa.

O sentimento que une Raquel e Fred também é visto como verdadeiro e merece ter um *happy end*, na visão de vários telespectadores. Para uma delas, a professora amava o menino de verdade, ao contrário de Marcinha, que dizia ser apaixonada pelo colega, mas “se engraçou com o primeiro que apareceu”. Ao comentar a cena em que Raquel anuncia sua gravidez, na festa

de formatura da Escola Ribeiro Alves, a telespectadora manifesta o desejo de um final feliz para o casal:

Raquel sim demonstrou seus sentimentos por ele, e isso ficou claro no momento em que anunciou sua gravidez. Ela disse que sempre levaria dentro dela mais do que boas lembranças e saudade. Levaria o fruto desse amor. Embora a cena tenha sido bonita, preferia mil vezes que o Fred estivesse lá, ao lado de sua amada e do filho que nunca chegará a conhecer...

O amor verdadeiro merece ser realizado, e é preciso ser leal a esse sentimento, na visão de uma telespectadora. Ela manifesta seu descontentamento com o desfecho de Raquel e Fred, mas, para ela, o menino merecia viver, mesmo que não ficasse ao lado da professora. De qualquer forma, ela cobra o *happy end* para o mocinho: um menino inteligente, jovem, com um futuro brilhante pela frente merece a felicidade.

Realmente, ninguém esperava um final desses para Fred. Estou decepcionada e com quem converso, ninguém acredita que Fred teve esse fim. Um menino tão inteligente, novo, com um futuro brilhante... Não precisava ficar com a Raquel, bastava Fred dar uma oportunidade a Marcinha que sempre foi fiel ao seu amor. Agora Raquel levará mais esse peso durante a vida. Um fim muito infeliz Manoel Carlos.

Na fala de outra telespectadora, o amor verdadeiro aparece associado à maturidade: um jovem de 18 anos, como Fred, ainda não pode conhecer esse sentimento. Essa visão contraria o discurso de outro telespectador, que diz ter encontrado "a mulher de sua vida" com a mesma idade. Contraria, ainda, a visão daqueles que defendem que o sentimento que une Raquel e Fred é um amor de verdade.

Para ter a felicidade e a realização plena do amor, é preciso que o sujeito tenha qualidades que façam com que ele mereça alcançá-las. Essa articulação entre amor, merecimento e felicidade também pode ser vista na fala de um telespectador que manifesta a esperança de ver no fim da telenovela "o amor de um jovem sério e correto contemplado com um final feliz".

A articulação entre amor e felicidade emerge, ainda, em manifestações que comentam o desfecho da história de Heloísa e Sérgio. Para alguns telespectadores, eles “se amam e merecem um final feliz juntos”. Outros dizem que o casamento deles deveria ser sustentado, porque eles se amavam muito no início da narrativa.

Além do sentimento verdadeiro, outro elemento importante na constituição dos relacionamentos é a afinidade entre os parceiros. Ao abordar a relação entre Helena e César, bem como a infidelidade de ambos, um telespectador afirma: “O que o autor quis mostrar hoje através da conversa da Helena com o Téo é que ela é exatamente igual ao César. Ambos não conseguem ser fiéis de jeito nenhum, portanto, é melhor que fiquem ‘juntos’ mesmo”.

O desejo também é citado por telespectadores como um componente importante da relação amorosa. Em uma das manifestações, Helena e César são vistos como “os mais apaixonados da novela” e que “aquele olhar fulminante cheio de desejo que ele dá pra ela entrega tuuuuuuudo!”. Outra telespectadora aponta esse casal como o melhor de *Mulheres apaixonadas*, pois “só com eles tem paixão de verdade, tem fogo”.

Para além da atração e dos atributos físicos, o amor também é tratado com uma natureza mais sublime. Em uma manifestação, esse sentimento é descrito como algo mágico (que sustenta um relacionamento que promete ser duradouro), na medida em que o homem encontrou a mulher de sua vida. Aparece aqui uma certa idealização do amor, ou seja, esse é um sentimento transcendente: sua vivência é da ordem do encanto, da fascinação, da magia que envolve os enamorados. Essa idealização também se faz presente na fala de outros telespectadores.

Na visão de um deles, Edwiges e Cláudio constituem “o típico casal de novela que foi feito nas estrelas e nada nunca poderá os separar”. O sentimento que une esse casal é visto como um amor verdadeiro; é “puro, lindo, maravilhoso. APAIXONANTE!!!”. Eles têm afinidade, formam um casal perfeito. Em outra fala,

o par aparece como “o máximo” e é contraposto aos outros casais da novela: “São tão confusos, estão todos insatisfeitos”. O amor de Edwiges e Cláudio é, enfim, ideal e merece alcançar a plena realização.

Essa visão do amor idealizado também emerge na fala de muitos telespectadores que comentam sobre Clara e Rafaela. O sentimento que une as duas é visto como um amor puro, lindo e verdadeiro, e o respeito, a amizade e o companheirismo são alguns dos elementos valorizados no relacionamento delas. A paz e a harmonia também são evidenciadas: “Elas não tem crise entre elas, não brigam, não arrumam encrenca com os outros, não tem preconceito com o namoro de ninguém, não dão em cima de namorada e nem namorado de ninguém”.

É interessante notar que o casal de lésbicas, construído com bastante sutileza, para conseguir a aceitação na sociedade, foi eleito, a partir das manifestações que compõem o recorte, como um dos melhores de *Mulheres apaixonadas*. A maioria dos telespectadores aprova o modelo de amor que emerge com esse par — modelo esse marcado por harmonia, estabilidade, respeito e garra para enfrentar obstáculos. Apenas uma das manifestações do *corpus* classifica o casal entre os ruins, ressaltando que não é em virtude de preconceitos, mas porque Clara não tem clareza de sua opção sexual. Contudo, ainda que telespectadores falem sobre a superação dos preconceitos frente aos relacionamentos homossexuais e que expressem o desejo de que a representação do casal gay seja mais explícita, a maior parte das manifestações do *corpus* fala sobre o tipo de amor que perpassa a relação entre Clara e Rafaela. Dessa forma, o posicionamento do público discute menos a homossexualidade e mais a configuração do *amor romântico* que constrói o relacionamento entre elas.

Na visão de muitos telespectadores, o sofrimento amoroso de Heloísa merece ser recompensado. O problema dessa personagem — o ciúme doentio — é minimizado em uma das falas (por meio de um processo de identificação que a personagem Helô parece suscitar na telespectadora):

A Heloísa deve dar a volta por cima. (...) o Sérgio é o maior safado, humilhou a mulher mais do que tudo, ele quer ser o bonzinho, mas sempre fez de tudo para irritar a Heloísa. Não que eu ache que o comportamento dela seja normal, mas todo mundo na vida erra. Torço para que ela tenha um final digno. E de preferência sem o Sérgio.

Esse discurso desloca Sérgio para o lugar do homem que humilhou, maltratou e desprezou a esposa, ao invés de ajudá-la a superar o ciúme. Heloísa, por sua vez, é vista como uma mulher que errou, mas merece um final digno – afinal, “todo mundo erra”. O sofrimento e o esforço da personagem merecem ser recompensados também para outra telespectadora. Segundo ela, depois de tanto sofrimento, Heloísa deve receber um voto de confiança, mais uma chance para ser feliz. Outra manifestação também considera que ela merece “uma décima chance”, já que mendigou o amor do marido durante toda a novela, e todos têm direito a um final feliz.

A trajetória sofrida de Raquel também deve ser recompensada com a felicidade: “Espero que com uma boa análise ela consiga viver sua vida plenamente, afinal sofreu muito e é uma boa pessoa, merece ser feliz”. Para outra telespectadora, essa novela

dá um grande exemplo de que a paixão nada mais é que sofrimento. De todas essas mulheres apaixonadas, a que mais sofreu foi a Raquel. (...) A Raquel merecia um final mais feliz, por tudo que passou e principalmente porque viveria o amor ao lado de um adolescente apaixonado. Uma situação inusitada mas verdadeiramente linda.

Essa telespectadora legitima o romance entre a professora e o aluno. Ela até considera que Raquel foi negligente em relação ao espancamento de Fred por Marcos, mas destaca que é necessário respeitar o comportamento e a liberdade de escolha do outro: “Quem são aqueles que nunca passaram por uma situação destas para julgar tal comportamento?”. Raquel fez uma escolha ao agir dessa maneira, e ninguém tem o direito de julgá-la; a opção pelo comportamento adotado ganha tal força que ninguém pode interferir nisso.

A liberdade de escolha na condução da vida amorosa também emerge em outra fala, que critica a postura de Helena: “Porque Helena acusa sempre Téo pelo seu casamento não ter dado certo se foi ela quem deixou César para ficar com Téo, como César mesmo disse? Então ela nunca amou Téo? Porque foi feliz se brincou tanto com o sentimento do outro?”. Essa manifestação exhibe o direito e a possibilidade de fazer escolhas na construção dos relacionamentos, mas é preciso assumir as consequências: Helena não tem o direito de culpar Téo por sua infelicidade, já que a escolha pelo músico foi dela. Exibe, ainda, uma crítica aos que brincam com os sentimentos dos outros: é necessário ser verdadeiro e encarar o relacionamento com seriedade.

A possibilidade de realizar escolhas e de vivenciar muitos relacionamentos amorosos, expressa nessas manifestações, é uma marca da contemporaneidade na constituição dos vínculos amorosos (GIDDENS, 1993). O discurso de uma telespectadora expressa essa visão da liberdade que perpassa a construção dos relacionamentos, ao aprovar a escolha de Helena por César. Ela manifesta a possibilidade de compreender a infidelidade em certos momentos, mas há uma valorização da verdade e da sinceridade no relacionamento:

a Helena é mais uma dessas mulheres que estão loucas para curtir a vida sem compromisso nenhum e acho que depois de uma certa idade, com realização profissional, e insatisfação pessoal, todo mundo pode optar por ser livre e aproveitar. Se não está satisfeita com a vida de casada, deve se dar ao luxo de curtir quantos romances forem possíveis. Agora, não concordo com pessoas que mentem no relacionamento... quando Helena contou tudo para o Téo, mesmo sentindo muita pena dele, achei que ela estava se revelando, mostrando o que na realidade todo mundo é, já foi ou será um dia, ou seja, infidelidade acontece frequentemente até em nossos pensamentos.

A franqueza entre os parceiros é, para essa telespectadora, um dos elementos necessários à construção de uma relação amorosa. Ela fala, ainda, sobre as contradições que permeiam a conduta do ser humano, ao comentar sobre as atitudes de Helena, que é capaz de trair, mas não gosta de ser traída. A telespectadora faz considerações e generalizações sobre a

humanidade, o egoísmo, a (im)perfeição, ao tentar justificar as ambiguidades no comportamento da personagem:

o que deve ser esclarecido é que ela se acha tão moderna e casual, porque cobra-se tanto as infidelidades do ex marido? Porque tanta raiva? Isso se explica, pois todo ser humano vive num eterno conflito, sinto desejos por outros, por outra vida, mas não admito que meu parceiro tenha o mesmo sentimento. Bate o egoísmo. Helena é assim uma mulher humanamente imperfeita.

Essa contradição presente na postura de Helena frente à fidelidade também é discutida por outra telespectadora, que destaca o mesmo conflito nas atitudes de César. Na visão dela, eles deveriam se separar e buscar novos amores.

Primeiro porque a Helena disse que amor não tem nada a ver com fidelidade então como é que iria dar certo ela com o César se até hoje o homem é um frustadão que não conseguiu perdoar sua traição. Olhem se fosse o César que estivesse no lugar do Téo ontem ou ele lhe daria um belo e merecido tapa (principalmente depois do comentário sobre o beijo do mexicano) ou cairia duro com um enfarte fulminante, o homem não aceita ser traído porém gosta de pular de galho em galho, dá para entender?

A fidelidade é legitimada como um valor importante na relação amorosa por vários telespectadores. Para um deles, Helena não pode “achar que ser infiel é uma virtude”. Na mesma manifestação, há uma defesa de que o mais correto é ela ficar com o marido, Téo, em vez de terminar o casamento e viver seu amor da juventude — fazendo surgir um desejo de preservação do casamento. Outra telespectadora também fala da fidelidade como um valor, ao criticar o comportamento de César. Em outra manifestação, a fidelidade e a lealdade emergem como elementos importantes na construção de um relacionamento. A mesma telespectadora manifesta que Edwiges deveria ficar com outro personagem, pois Cláudio já trouxe muito sofrimento a ela e não a ama de verdade: “Um homem que transa com outra e vem pedir perdão não gosta da pessoa”.

Esses valores também são evidenciados na fala a seguir, que critica a relação de Edwiges e Cláudio: "O Cláudio e a Edwiges não se decidem. Já perdi a paciência com esses dois. A Edwiges é uma idiota que não sabe o que quer e o Cláudio é um babaca que fala que 'ama' a Edwiges mas come a Gracinha. Legal amar assim, né? Um bando de safados". Além de cobrar a lealdade aos sentimentos que os parceiros dizem sentir um pelo outro, essa telespectadora exige uma decisão desses personagens, que desejam iniciar um vínculo amoroso.

A partir das manifestações aqui analisadas, foi possível perceber a importância do amor na vida dos sujeitos, e os elementos valorizados em sua realização. Pôde-se perceber, ainda, a emergência de distintas concepções de amor que são desejadas e defendidas pelos membros do público, evidenciando traços que marcam a vivência do amor na contemporaneidade.

Apontamentos finais

O objetivo deste artigo foi discutir alguns sentidos sobre o amor produzidos pelos *públicos* de *Mulheres apaixonadas*. A telenovela, um bem cultural, afeta os sujeitos e impulsiona a configuração de públicos. O discurso telenovelístico interpela os sujeitos a assumir (ou não) certas posições, a ocupar um certo lugar em relação a diferentes temas. Nesse processo, o público é convidado ou incitado a se identificar, a aprovar ou negar modelos de comportamento, papéis sociais, representações.

A análise demonstrou que o amor é um sentimento forte e importante na vida dos indivíduos, sendo a solidão vista como um castigo. Ele está diretamente relacionado à felicidade e é capaz de vencer obstáculos e preconceitos e até mesmo modificar o comportamento das pessoas. Para a sustentação de um relacionamento, é necessário que o amor seja verdadeiro e recíproco. Dentre os elementos fundamentais para a construção de um vínculo amoroso, destacam-se a afinidade e o desejo entre os parceiros, o compromisso com a verdade, a sinceridade, a estabilidade, a satisfação recíproca, a liberdade de escolha e

o respeito mútuo e aos limites dos outros. Além disso, a fidelidade também emerge como um valor importante, ainda que a traição possa ser compreendida em certos casos. No mesmo sentido, a realização amorosa é uma busca, sem limites, para algumas pessoas. Entretanto, em muitas manifestações, o respeito aos outros emerge como um limitador desse “vale-tudo” na luta por amor.

Na visão de muitos telespectadores, a idealização e a eternidade do sentimento amoroso prevalecem, configurando o *amor romântico*. Mas a possibilidade de fazer escolhas e de vivenciar muitos relacionamentos, característica do *amor confluyente*, também é destacada em outras manifestações. De qualquer forma, os posicionamentos aqui analisados evidenciam a importância do amor na vida dos sujeitos: ele tem o papel fundamental de conferir plenitude de sentido ao viver.

Referências

DEWEY, J. *The public and its problems*. Chicago: Swallow Press, 1954.

FRANÇA, V. R. V. "Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação". In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1993.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

QUÉRÉ, L. "Le public comme forme et comme modalité d'expérience". In: CEFAÏ, D.; PASQUIER, D. (Org.). *Les sens du public: publics politiques, publics médiatiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

-
- 1 Doutoranda em comunicação social pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Pesquisadora do Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade) e bolsista da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Email: paulaguimaraessimoies@yahoo.com.br.
 - 2 Tradução da autora.
 - 3 Tradução da autora.
 - 4 Globo Fórum, cujo endereço é <http://globoforum.globo.com/>. Todas as manifestações aqui citadas foram extraídas desse site em dois momentos da trama: em 29 de julho e em 11 de outubro de 2003.
 - 5 Nota do editor: as frases dos telespectadores, escritas no fórum, foram reproduzidas aqui sem adequação à norma culta.